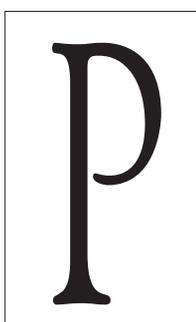

LEDA PEDROSO

Para a formação política das novas gerações

LEDA PEDROSO
é professora de Educação
da Unesp (Campus de
Araraquara)

Em Defesa da Política,
de Marco Aurélio
Nogueira, São Paulo,
Senac, 2001.



olítica ou política? Remando meio contra a corrente, Marco Aurélio Nogueira sai em defesa da Política com pê maiúsculo. Da “boa política”, aquela que condiz com o que os filósofos chamavam de “bom governo”. Este, para o autor, deve se pautar na democracia.

Professor de Política da Universidade Estadual Paulista (*campus* de Araraquara), ensaísta e tradutor de Norberto Bobbio e Antonio Gramsci, Nogueira segue de perto o tom, os temas e quiçá muitos dos ideais presentes no debate italiano contemporâneo. Para ele, pensar a democracia hoje

“Significa projetar formas democráticas de viver e conviver: um novo ‘sistema’ de governo e decisão que conserve os valores universais da democracia, suas conquistas e seu núcleo fundamental, mas eleve tudo isso a um nível superior, mais avançado, rico e consistente. Em boa medida, trata-se de transformar os ininterruptos ruídos democráticos com que lidamos em arranjos sonoros e melodiosos, vibrantes, abertos à reinvenção permanente” (p. 124).

Repensar as relações entre política, democracia e governo é a proposta do autor para a esquerda (é ele quem usa o singular)

partindo de seu “compromisso histórico” para tornar possível uma forma de governar no presente, no “mundo globalizado”, onde “há como que uma subversão estrutural da política” (p. 141).

Entretanto, idéias e ideais à parte, penso que o livro de Nogueira é antes de tudo uma contribuição à formação política, especialmente das novas gerações, por mostrar a sobreposição mútua da política com a filosofia. Gerações estas que não tiveram contato com o filosofar e os ensinamentos da filosofia nos bancos escolares dos ensinos fundamental e médio e, tampouco, nos cursos superiores das áreas exatas e biológicas (ou, talvez, e mais preocupante ainda, em diversos campos das “humanas”). Nesse livro, nossos jovens estudantes terão a oportunidade de entrar em contato com algumas idéias de pensadores como Aristóteles, Thomas Hobbes, Maquiavel, Theodor Marshall, Marx, Weber, Gramsci e Hannah Arendt, e outros mais recentes.

O autor retoma a importância da busca da verdade—cerne da filosofia—, esmaecida no “vazio ético e utópico” no qual nos encontramos. Estamos em crise. Ah, as crises. Parece que nunca conseguimos nos livrar delas, numa sucessão sem fim... O *novo* sendo engendrado no *velho*, como nos ensina Marx... Ou, “aquilo que já envelheceu já não dirige mais e o ‘novo’ ainda não se qualificou para orientar o presente”, como diria Gramsci, citado pelo autor.

Crise de valores, crise institucional, crise econômica, crise de governabilidade, crise de solidariedade. Crises que trazem o descrédito na política. Em sua defesa Nogueira apresenta seus argumentos. Começa não aceitando, como predominante nas crises, a idéia de morte. “É preferível”, ele diz,

“pensar em transição ou transformação: passagem de uma fase a outra, movimento em que se radicalizam ou se explicitam plenamente as contradições e as caracterís-

ticas típicas de um dado arranjo ou combinação, em que se morre e se renasce. Nesse movimento, *passado, presente e futuro se entrelaçam* e atinge-se um ponto inequivocamente ‘crítico’, no qual se faz sentir uma insatisfação em relação ao que está aí, estabelece-se uma distância em relação ao que já foi e prepara-se uma aposta para o que virá” (p. 16, grifos meus).

Com propriedade, o autor recoloca as contradições e conflitos da política. De um lado, a dominação, o poder, o segredo, a invisibilidade do poder e, ainda, o jogo da sedução e do disfarce, da simulação e da dissimulação. De outro, a aposta nas vantagens do viver em comum, na ampliação das margens de liberdade e de participação nas decisões coletivas, na defesa do interesse geral e na reconstrução dos fundamentos da vida comum.

Nestes tempos de revolução tecnológica e globalização econômica, sob a égide do capitalismo mundial, Marco Aurélio Nogueira critica enfaticamente o “predomínio unilateral e autônomo dos técnicos”, a “autoridade dos especialistas” em detrimento da participação dos cidadãos nas decisões políticas. “Tecnocracia não combina com democracia”, ele diz. Em sua concepção, este modo de pensar está na base de um melhor entendimento da política, do Estado e do governar, pois “a política não se rende nem se submete ao econômico, ao cálculo, ou ao imediato, e só se realiza efetivamente por meio de sujeitos humanos e em contato aberto com a democracia, a ética e a vida comunitária” (p. 48).

Contrariamente a essa idéia, o descrédito na política é fruto de um complicado processo de desgaste advindo de sua espetacularização. Tal processo converte a política em “show, em algo a ser consumido como um produto qualquer, ou seja, em que vai sendo digerida pelo mundo da mídia eletrônica” (p. 19). Outra lógica relacionando Estado e cidadão começa a tomar

forma: o *e-government*. Mas que chances temos de que o governo eletrônico não venha a se converter num novo surto de expansão da técnica? O único antídoto contra isso “chama-se democracia e requer um cidadão ativo, bem-educado”, ainda que não saibamos bem “qual democracia se mostra compatível com a sociedade da informação”. Além de todas as desigualdades já existentes, constrói-se agora a “exclusão digital” (pp. 112-3).

Nogueira distingue a “política dos políticos” da “política dos cidadãos”. Valorizando esta última, defende a importância do parlamento e a necessidade de uma “educação para a cidadania”. Indo além, mostra as conseqüências da globalização econômica na soberania dos Estados nacionais, nos mercados, nos partidos políticos, no trabalho, no emprego, nos direitos, na cidadania, nos sistemas de representação, nas ideologias e nas utopias.

Apesar de tudo, o autor acredita que é preciso retomar e defender a política criandoc condições

“para a afirmação de um projeto radical, que realize a democracia pela raiz. Só a política pode criar aquela dose de ‘sentido comum’ que costure os interesses e valores particulares uns nos outros, superando-os a partir de alguma equivalência superior. Sem política, não temos como ultrapassar a explicitação individualizada das demandas de cada grupo e aproveitar o que existe, nestas demandas, de energia produtora de vida comunitária” (p. 131).

O “recado” para a esquerda com que Marco Aurélio Nogueira conclui o texto é um misto de otimismo, difícil de manter, mas necessário, a meu ver, na formação das novas gerações, e de uma incerteza em relação à política no futuro que, aliás, é compartilhada pelas gerações de políticos e intelectuais que lutaram pela democratização do Brasil.